TERRITÓRIO, ENCANTADOS E LUTA: PESSOAS E ENCANTADOS NA LUTA PELO TERRITÓRIO QUILOMBOLA SANTA ROSA DOS PRETOS (ITAPECURU-MIRIM/MA)

Dayanne da Silva Santos[1]

Resumo

Este trabalho, busca dialogar com os estudos que envolvem a luta quilombola no Brasil e a titulação de seus territórios em meio aos diversos processos de expropriações de terra na expansão de projetos de desenvolvimento econômico. É enquanto identidade em devir que teceremos reflexões sobre como se resiste a empreendimentos que estão se instalando em áreas já ocupadas pelo povo negro, no qual essas instalações atualizam no presente processos antigos de racismo. Tomamos como caso empírico o território quilombola Santa Rosa dos Pretos, localizada no município de Itapecuru-Mirim, no Estado do Maranhão. Durante a pesquisa fizemos uso de observação direta (*in loco*), anotações de caderno de campo, etnografias, entrevistas semiestruturadas com pessoas e com os encantados (Tambor de Mina) do território. Nesse contexto, este trabalho é um ponto de partida para entender como é tecida a política do território tendo como foco a escuta dos encantados do Tambor de Mina, religião de matriz africana. Mais precisamente, fui levada em campo a pensar a encantaria como uma modalidade de pensamento e prática cotidiana que amplia o debate sobre a política quilombola no Brasil.

[1] Membro Grupo de Estudos: Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente (GEDMMA/UFMA), FAPEMA/CNPQ. Doutoranda em Sociologia na UFRGS

Palavras – chave: Quilombo; Território; Conflitos ambientais.

Abstract

This work seeks to dialogue with the studies that involve quilombola struggle in Brazil and the titling of their territories amidst the various processes of expropriation of land in the expansion of economic development projects. It is as an identity in becoming that we will reflect on how to resist enterprises that are settling in areas already occupied by the black people, in which these facilities are currently updating old racism processes. We take as an empirical case the quilombola territory Santa Rosa dos Pretos, located in the municipality of Itapecuru-Mirim, in the State of Maranhão. During the research we made use of direct observation (in loco), notes from field notebooks, ethnographies, semi-structured interviews with people and with the enchanted ones (Tambor de Mina) of the territory. In this context, this work is a starting point to understand how the politics of the territory are woven with a focus on listening to the enchanted people of the Tambor de Mina, an African religion. More precisely, I was led in the field to think of enchantment as a modality of thought and daily practice that broadens the debate on quilombola politics in Brazil.

Key words: Quilombo; Territory; Environmental conflicts.

Introdução

Quando Codó era mata
Cabocla eu morava lá (2x)
Codó virou cidade
Cabocla eu mudei de lá (2x)

(Doutrina cantada por cabocla da Ronda no dia 24 de agosto de 2018
Tambor de Mina, festa de Cearense em Santa Rosa dos Pretos)

Peço licença aos encantados[2] para falar. Esta pesquisa é resultado de uma dissertação costurada por várias mãos, sendo fruto de mais de quatro anos de pesquisa[3] sobre conflitos ambientais e territoriais no Maranhão junto com o grupo de pesquisadores do Grupo de Estudos: Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente (GEDMMA/UFMA) e lideranças quilombolas.

Desde novembro de 2014 venho acompanhando e coletando escutas epistemológicas de pessoas que estão em suas ações cotidianas produzindo teorias das suas urgências no que se referi a luta pela terra. A comunidade quilombola de Santa Rosa dos Pretos[4], está localizada às margens do Rio Itapecuru, no município de Itapecuru-Mirim, no Estado do Maranhão. Este trabalho é um ponto de partida para entender como é tecida a política do território tendo como foco a escuta dos encantados do Tambor de Mina, religião de matriz africana. Mais precisamente, fui levada em campo a pensar a encantaria[5] como uma modalidade de pensamento e prática cotidiana que amplia o debate sobre a política quilombola no Brasil.

[2]Encantados/Entidades – usaremos para nos referi aos Pajés, invisíveis, guias e caboclos do Tambor de Mina. Em Santa Rosa dos Pretos, quando as pessoas falam em Pajés/invisíveis/guias e caboclos estão falando dos encantados.

[3]Sou impulsionada por um trabalho coletivo junto a pesquisadores do GEDMMA/UFMA. Resultados da pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico do Maranhão(FAPEMA) através do projeto Reconhecimento de direitos territoriais e conflitos socioambientais no Maranhão iniciada em 2014 com orientação da professora Cíndia Brustolin em parceria com outros pesquisadores e militantes do movimento negro como: Joércio Pires; Anacleta Pires; Josiane Pires; Josicléa Pires, Libânio Pires; Elias Pires Belfort e outras pessoas que moram no quilombo. Desde 2016, o grupo de colaboradores vem se ampliando e hoje estamos em diálogo com Jeferson Yuri Lima; Carla Pinheiro; Mateus Tainor; Eliana Macêdo (estudantes de diferentes áreas de conhecimento), através do projeto de pesquisa Conflitos, territórios e desigualdades ambientais no Brasil: diversidade sociocultural e luta por direitos, coordenado pelo professor Horácio Antunes de Sant'Ana Júnior e também financiado pela FAPEMA.

[4]Faz limite com outros territórios e quilombos. Ao leste, com o Rio Itapecuru e o quilombo Filipa. A oeste, com o território quilombola Monge-Belo (território este bastante presente junto ao território Santa Rosa, nas mobilizações e enfretamentos, perante o capital, por suas garantias de direitos). Ao norte, com as terras da comunidade de Barro Preto, atualmente conhecida como:assentamento São Francisco. Ao Sul, com o quilombo Oiteiro dos Nogueiras (SILVA, 2017, p. 49).

[5]Usaremos a noção de encantaria proposta por Mundicarmo Ferretti (2000, p.108). Segundo a autora, as encantarias geralmente são concebidas como mundos situados no fundo das águas, dentro das árvores, ou abaixo da terra (em outro planeta). O lugar onde habitam as entidades (voduns,gentis,caboclos e outros).

Não pretendemos revelar os mistérios/segredos referentes ao culto do Tambor de Mina[6], porque não sabemos. E nem temos a pretensão de criar categorias que fixe ou impossibilitem as diversas formas de sua compreensão, pois cada território/terreiro possui sistemas complexos e simbólicos de relações que os diferenciam, ao mesmo tempo, que os unem, cada terreiro tem seu asè e fundamento e, por isso, que Mina[7] é um mistério. Assim, quando percebemos os encantados como os verdadeiros "donos" da terra, abrimos um leque de possibilidades para que percebamos o mundo e as relações sociais através de outras cosmovisões/perspectivas que nos ajudam a entender os sentidos outros para a manutenção do território. Todas as entrevistas foram realizadas dentro do território quilombola Santa Rosa dos Pretos ao longo dos últimos anos (2014-2019), nesse processo ouvimos pessoas e encantados.

O culto aos encantados confere forma tanto aos problemas ambientais quanto aos problemas da não titulação das comunidades quilombolas. A relação pessoa e encantados como forma de co-proteção é o princípio filosófico que se destaca das práticas existenciais do Tambor de Mina. Por esse princípio, quando a pessoa deixar de proteger o território, ela não conseguirá ter proteção cósmica e física para o seu próprio corpo. Nesse sentido, esse texto desdobra questionamentos sobre como o corpo quilombola e o corpo da terra estão intrinsecamente vinculados pelos encantados.

Participando do Grupo de Estudos: Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente (GEDMMA)[8] desde maio de 2013, tive a oportunidade de desenvolver trabalhos voltados para a pesquisa, ensino e extensão, tanto em São Luís como em algumas comunidades que são cortadas/impactadas pela Estrada de Ferro Carajás no interior do Estado do Maranhão. Nessa caminhada me tornei educadora popular e filha de Santo da Tenda Nossa Senhora dos Navegantes, chefiada por mãe Severina em Santa Rosa dos Pretos.

[6]Trata-se de uma religião que faz parte de um conjunto de religiões de matriz africana que se apresenta no cotidiano das relações sociais das formas mais variadas possíveis para orientar, cuidar e disciplinar as pessoas. Ela é praticada principalmente em terreiros do Maranhão, na qual o médium/filhas/filhos/pais/mães de santo chegam a incorporar mais de 3 entidades em uma única noite de tambor (noite de prática religiosa dessa religião). Dependendo do lugar, o tambor pode ser tocado dentro de salões/barracões/tendas/terreiros/casas ou no "tempo", quintais, praias e matas.

[7]Expressão muito usada para se referir ao Tambor de Mina.

[8]Disponibilizamos aqui a página do GEDMMA no qual estão disponíveis trabalhos e produções do grupo durante seus 12 anos de existência, mais informações ver: http://www.gedmma.ufma.br/

Os dados obtidos durante a pesquisa foram coletados a partir da realização de entrevistas semiestruturadas, revisão bibliográfica, pesquisa de campo e análises documentais. Durante o período, foram feitas cerca de vinte entrevistas que envolveram desde mães e filhas de santo, lideranças quilombolas e até entidades espirituais incorporadas. Não transcrevemos todas as entrevistas, que dão mais de 20 horas de conversas, fomos usando as falas contidas nos áudios conforme fomos construindo as reflexões teóricas. O objetivo não era publicar entrevista e sim construir um corpo teórico de análise a partir e com elas.

Das escutas com as lideranças do quilombo, ficou evidente que não podemos falar sobre religião (Tambor de Mina) dissociada da luta pela permanência no território quilombola, a saber, os encantados, os quilombolas e o território só existem quando acionados juntos em um sistema de relações simbólicas, sociais e religiosas que tornam Santa Rosa dos Pretos possível.

Santa Rosa dos Pretos se constitui como uma área com mais de 750 famílias (dados atuais da contagem dos moradores do quilombo). O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA)[9], já reconheceu como Território Quilombola a área de 7.316,5112 hectares das terras de Santa Rosa dos Pretos, com "326 famílias" por meio da Portaria/Incra/Nº 355, de 10.07.2014, publicada no Diário Oficial da União (DOU) de 11.07.2014.

Uma área de 7.316,5112 hectares, que engloba um conjunto de núcleos comunitários chamados de setores, Boa Vista, Pirinã, Barreiras, Leiro, Centro de Águida, Fugido, Barreira Funda, Sítio Velho, Picos I, Picos II, Curva de Santana e Alto de São João, além de Matões, Fazenda Nova, Pindaíba e Conceição (os três últimos considerados desabitados), forma o território quilombola de Santa Rosa dos Pretos que fica no município de Itapecuru-Mirim. O município tem marco de fundação de 1818.

As terras e a vida em Santa Rosa dos Pretos estão relacionadas à chegada, no século XIX, de sete famílias (originadas de Felipe, Fileti, Judith, Antônia, Olívia Pires, Olímpio e Amância) do continente africano[10] para o trabalho escravo na

[9]Disponível em: <http://www.incra.gov.br/noticias/decretos-de-desapropriacao-atendem-quilombolas-de-charcoe-santa-rosa-dos-pretos-no> Acesso em : 02/02/2016.

[10]De uma viaje que fizeram em 2010 para Guiné-Bissau, as lideranças depois de visitarem uma tabanca de Chaceu – comentam até hoje que se sentiram em casa e reconheceram as pessoas sem se conhecerem antes. Afirmam: "somos filhas e filhos de Guiné-Bissau! Somos filhas e filhos de nossa mãe África!". Esse é um senso de identidade e pertencimento que conecta os povos da diáspora aos povos do continente.

lavoura da fazenda Kelru, nas margens do rio Itapecurú, pertencente à família do Joaquim Raimundo Nunes Belfort, conhecido como Barão Belfort.

Nas três últimas décadas, a trajetória dos conflitos socioambientais no Brasil é caracterizada pelo enfrentamento de povos e comunidades tradicionais contra empresas de grande porte e órgãos governamentais que buscam executar projetos desenvolvimentistas em seus territórios, "em função de muitas estarem localizadas em áreas que interessam a particulares, as empresas e, em muitos casos, ao próprio Estado, seja por razões comerciais ou estratégicas, além da agudização de conflitos, de violação de direitos fundamentais" como revela Souza Filho (2008: 13). Situações de tensões que ultrapassam décadas, como a da construção da base de foguetes em Alcântara/MA e a usina hidrelétrica de Belo Monte, no estado do Pará, são emblemáticas na luta de quilombolas, indígenas e ribeirinhos.

A pesquisa

Em uma das minhas idas a campo (novembro de 2014) em Santa Rosa dos Pretos tive a felicidade de conhecer dona Severina, mãe de Santo. Depois disso comecei a frequentar a Tenda Nossa Senhora dos Navegantes como pesquisadora e em fevereiro de 2020 me tornei filha da Tenda. Essa nova posição me desloca para dentro do quilombo participando como pertencente a ele, ou seja, como sendo filha da Tenda e engajada na luta contra o racismo. No território me desloco como mulher negra periférica que não nasceu no quilombo, pesquisadora ativista e filha de santo.

A Tenda Nossa Senhora dos Navegantes de mãe Severina existe há mais de 35 anos, sendo chefiada pelas entidades seu Cearense e dona Tereza Légua. Mãe Severina tem 66 anos de idade e há mais 45 anos dança Mina.

Mãe Severina aprendeu boa parte do que sabe sobre o Tambor de Mina com a finada mãe de santo dona Georgina, com seus guias e no cotidiano até o processo definitivo de aceitação para se tornar filha e depois mãe de Santo. No iniciou, ela chegou a apanhar muito, por não aceitar sua obrigação, ao ponto de seu Cearense (encantado) furar o nariz dela com um prego. Mãe Georgina, mãe de santo de Severina, ensinou muito das coisas da Mina para ela, a festa de Seu João Guará (encantado) que era feita na casa de Georgina, foi transferida para

o terreiro de mãe Severina. Essa festa/obrigação acontece todo ano no dia 2 de fevereiro na Tenda.

A tenda é um espaço de disciplina, troca e aprendizado. Na entrada da tenda logo se vê um cercado feito de madeira que circula toda a área do terreno e que tem somente uma entrada, também feita com madeiras. Do lado direito da tenda tem a casa da mãe de santo (Severina). Já lado esquerdo tem uma árvore centenária, um Pé de Pequizeiro[11]que, segundo dona Severina já saciou a fome de muitas famílias da comunidade. Desde 2017 tanto árvores centenárias quanto terreiro estão sob ameaça do projeto de duplicação da rodovia/BR 135 no estado do Maranhão[12] que avança com uma série de irregularidades ambientais sobre corpos e território negros.

Antes da tenda/terreiro Nossa Senhora dos Navegantes da mãe de santo Severina, em Santa Rosa dos Pretos teve o terreiro de Santa Barbara[13], que era da finada mãe de santo dona Georgina, que foi esposa de Libânio Pires. O terreiro de Santa Barbara durou segundo Severina, uns vinte anos. Mas, sua comadre, Georgina, morreu nova ainda e, antes dela, teve Policarpo que era o pai de santo do finado Sebastião, que foi abatazeiro do terreiro de Severina. "A tenda Santa Barbara durou uns quinze anos ou mais uns vinte anos por aí assim, porque minha cumade morreu nova ainda. Antes do dela teve o de cumpade Policarpo que era o pai de cumpade Sebastião. A Mina aqui é bem antiga, mas cada casa com seu nome" (Entrevista concedida por mãe Severina em abril de 2015).

Atualmente no território existem cindo terreiros de Tambor de Mina. Nessa tradição, a passagem/manutenção da encantaria vem se dando de diversas formas no território como nas curas dos benzedores/curadores, com as parteiras e suas rezas e com as obrigações da Mina.

[11]O pequizeiro botou tanto esse ano que parecia que estava se despedindo...eu ainda não vou nem falar de isso, porque esse pequizeiro esse ano botou tanto pequi, tudo e quanto foi de menino juntou pequi aqui pra comer, merendar, fazer o lanche, tudinho com farinha, porque pra quem gosta ele enche barriga. Porque pé de pequi dentro desse quilombo aqui, eu dou essa aqui (ela mostra as mãos) à palmatória se tem, um piqui gostoso como esse aqui. Aí os caras vêm de lá querendo derribar esse pequizeiro, sem mais nem menos.A não é assim não...quando meu avô se entendeu ele já era pequizeiro, ele vem do tempo dos escravos (entrevista concedida por dona Severina, no dia 20 de abril de 2018).

[12]Mais informações em: http://mundopreto.com.br/mundo-preto-tem-mais-vida/ - Cosmologia quilombola: o mundo preto tem mais vida.

[13]Esse terreiro, segundo mãe Severina,"ficava para lá da igreja do Divino e tinha um espaço que era um salão lá. Aí, depois de muito tempo, que ela faleceu ((refere-se a dona Georgina) muito tempo mesmo, aí, ele, seu Libânio, fez a casa dele ali encima perto da BR (conversa informal realizada no dia 24 de agosto de 2018)

As festas aparecem também como princípios que orientam as relações sociais e religiosas que sustentam o contato, respeito e solidariedade entre pessoas e pessoas, pessoas e entidades e entidades e entidades. As festas são mantidas assim para além da visita (dançar, cozinhar e servir), elas vão se manter ou não com o passar dos anos a partir de uma série de trocas e acordos que se dão para além das festas e reforçam os laços de amizade e solidariedade entre os filhos de santo e sua mãe; entre os filhos de santo e filhos de santo; entre filhos de santo de seus guias e entre os encantados.

Nessa perspectiva, observamos que a manutenção dos batuques por meio das festas e dos tambores, que chamam os guias/entidades/caboclos, podem ser ouvidos também na Mata, na Matinha, nos igarapés, nos poços, nas lagoas de mãe d'águas, nas árvores gameleiras, juremeira, tucum eiro, nas pontas de mato frio e em muitos outros "portais" que existem entre o nosso mundo e o das entidades.

Mundo esse que não é sobrenatural, mas, relacional ao nosso. Relacional no sentido de que ele contribui/influência/orienta, por meio dos encantados as ações das pessoas com as quais conversamos durante esses tempos de pesquisa. As ações das mães/pais e filhas/os filhos de santo interferem diretamente na forma como as entidades irão se manifestar sobre a/o médium, ora orientando-a/o, ora relembrando-a/o de suas obrigações, ora castigando/reprovando seu comportamento. O médium, quando cuida de si mesmo, também cuida do seu guia, e seu guia do seu orixá de cabeça. "Por isto, deve observar um grande número de preceitos que lhe são ensinados. Deve aprender, sobretudo por meio da observação. Tais indicações conformam as regras de conduta das pessoas iniciadas, qualquer que seja seu tempo de iniciação". (LUCINDA APUD COSSARD, 2016: 177 – grifos nossos).

A política do território é tecida também dentro da mata e em noites de obrigação dentro da Tenda. Assim, "cavalo e guia, cada um deve fazer a sua parte. A disciplina deve ser observada por ambos. Os guias só trabalham porque têm o cavalo que lhes serve de canal" (LUCINDA, 2016, p.177) e nesse sentido, concordamos com Lucinda (2016) quando ela destacou que o médium "deve aprender, sobretudo por meio da observação", pois nas nossas idas de vindas acompanhando e conversando com o povo de terreiro (mãe, filhas e filhos de santo, entidades, abatazeiros e serventes), ouvindo principalmente suas trajetórias de inserção na Mina, concluímos que cada médium tem uma experiência bem diferente um do outro, bem como a manifestação de sua mediunidade, todo

o processo é importante, os erros, os acertos, as punições. Dalva (filha de santo) fala que "não tem esse que não apanhou do seu guia minha filha" (anotações de caderno de campo em 01 de janeiro de 2018). Paulo, que recebe seu Cigano, nos falou que aprendeu o que sabe sobre a Mina dentro do barração/tenda e com as orientações do seu guia. É observando que conseguimos tecer considerações a respeito da encantaria em Santa Rosa dos Pretos.

SER MINEIRO

O Tambor de Mina em Santa Rosa dos Pretos faz parte do processo de manutenção da identidade quilombola, que nas nossas pesquisas aparece com o ser mineiro e vem seguido de uma extensa rede de relações de parentesco e de laços de solidariedade, entre pessoas e encantados, como seu Cearense, seu Pedro Légua, Tereza Légua, seu Lourenço, seu Leguinha e muitos outros encantados que ao estarem no território quando acionados podem nos ajudar a reescrever e a ler como que o corpo quilombola resistiu sob as marcas de um sistema racista e colonial.

A Mina antes de ser festa é uma obrigação. O corpo daquele que incorpora uma entidade não é mais somente seu e passa a ser compartilhado e por ser compartilhado também está sujeito a regras e sanções que estão inscritas na forma de ser mineiro. Aquele que incorpora passa a compartilhar e a partilhar de experiências que são tecidas e vividas com as entidades. Uma noite eu estava em minha casa quando uma entidade desceu em um amigo meu e disse: "não é só o meu cavalo que aprende comigo, eu também aprendo com ele quando ele ler, quando ele rezar, quando ele está simplesmente pensando na vida dele".

O cotidiano e as entidades do Tambor de Mina na Santa Rosa dos Pretos estão intrinsecamente relacionados. As filhas de santo costumam dizer que é bem difícil você começar falando da sua vida e não terminar na Mina.

Segundo Pixita (Maria Luiza/Filha de Santo) "a Mina não é só importante para o povo de terreiro, mas para toda a comunidade, pois é com ela que se pode resistir e continuar na luta". Assim entendemos a irmandade falada por dona Dalva como essa relação de respeito, disciplina troca e aprendizagem entre pessoas e encantados.

A natureza é entendida como algo dinâmica e disciplinadora, pois existem lugares no quilombo que nem as/os filhas/os de Santo podem entrar sem per-

missão. "Portanto, a disciplina é um requisito que remete a aspectos espirituais e também tem a ver com o cuidado para não tornar uma "'corrente" mais sacrificante para uns do que para outros, sejam os médiuns, sejam os próprios guias" (LUCINDA, 2016: 182).

Segundo Sergio Ferretti (2009, p. 11) "o Tambor de Mina é uma obrigação e tem suas dificuldades. Portanto, embora o que apareça seja a beleza das festas, o tambor implica uma série de compromissos, sacrifícios e responsabilidades pesadas, assumidas pelo grupo".

Casa de Mina, ou Tambor de Mina[14]:

> outros aspectos, caracteriza-se como religião de transe ou possessão, em que entidades sobrenaturais são cultuadas e invocadas, incorporando-se em participantes, principalmente mulheres, sobretudo por ocasião de festas, com cânticos e danças executadas ao som de tambores e outros instrumentos. Daí o termo tambor, pelo qual também são designados tais cultos (FERRETTI, 2009: 09).

Ao passo que vamos entendendo cada parte que compõe o nosso campo, vamos formando um entendimento sobre o contexto social do qual os agentes sociais dele fazem parte e com isso suas singularidades e seus segredos, que aparecem, mas não podem ser ditos por aqueles que o conhecem e o praticam. Os segredos sobre a encantaria compõem um quadro de ontologias que dão sentido aos encantados e torna possíveis as múltiplas existências entre pessoas e encantados.

Nesse sentido, respeito, cuidado e obrigação são elementos importantes para a manutenção dos segredos/da encantaria. Nas falas de nossos interlocutores depreendemos que o Tambor de Mina é um segredo, é um espaço complexo que só aqueles que dele fazem parte podem conhecer, porém, nunca em sua totalidade. Assim, vamos observando como se dão as experiências, falas, sonhos,

[14] No Estado do Maranhão e em São Luís existem uma gama diversificada de religiões afro-brasileiras conhecidas como Terreiro de Mina; Candomblé; Terecô; Umbanda com tambor de cura ou pajelança e cada casa/terreiro possui a sua especificidade, por isso, ao estudar as religiões do Estado do Maranhão procure ver no que elas se diferem e o que há de mais singular a cada uma.

incorporações com o desejo de produzir um entendimento coerente sobre Santa Rosa dos Pretos como terra de encantaria, morada de encantados.

TERRITÓRIO, ENCANTADOS E LUTA

Tomamos o tambor de mina como uma forma de *ser, pensar e de reescrever* o mundo pela quais sujeitos que são colocados à margem da sociedade dominante continuam existindo e resistindo com a ajuda da encantaria no Maranhão. O Tambor de Mina é um instrumento político e um elemento identificador de uma identidade étnica para os grupos negros e comunidades quilombolas cotidianamente excluídos.

Nesse sentido é que,

> A religião relaciona-se com o modo de pensar e agir das pessoas, com o seu modo de conhecer e compreender o mundo e de se comportar diante de outras pessoas. Dada a relação entre religião e valores sociais, a análise do comportamento religioso pode fornecer elementos para melhor compreensão daqueles valores vigentes entre a população que adota uma determinada religião, servindo para identificar até que ponto esses valores refletem ou se opõem aos da classe dominante (FERRETTI, 2009: 10)

É entendendo a religião como um modo de pensar e agir das pessoas para conhecer e compreender o mundo que objetivamos pensar a relação entre *território, encantados e luta* a partir do entendimento de que a questão do território quilombola não pode ser expressa em nenhum papel, porque é no dia-a-dia e na relação com os encantados que se consegue, então, entender a expressividade do lugar, da luta e do ser/corpo quilombola. A saber, as instituições ainda são fortemente marcadas pelos fenômenos do racismo, o que hierarquiza ainda mais as relações, criando zonas contemporâneas de silenciamentos e não reconhecimento do povo negro na sociedade brasileira.

Assim, o que está em jogo é compreender que *o corpo quilombola* (as pessoas que reivindicam uma identidade) e o corpo da terra *(território)* só podem existir quando acionados juntos na expressividade do chão/lugar e do corpo que,

em contexto de reivindicações, assumem a forma de documentos para que os subalternos possam falar (Spivak, 2010).

Quando falamos do território de Santa Rosa dos Pretos temos que ter em mente que ele só existe enquanto tal porque é fruto das relações sociais que as pessoas mantêm umas em relações com as outras (pessoas, comunidades e encantados). A ideia de "*Eu* quilombola" é marcada pela historicidade da escravidão do grupo, mas que vem sendo ressignificada e modifica-se quando colocada em ação.

O lugar, a relação com os guias, os dons, os tambores e os cânticos fazem parte da criação de territórios existenciais, que como destaca Goldman (2003, p. 452), permitem às pessoas discriminadas produzir sua própria dignidade e vontade de viver com cosmovisões diferentes da sociedade dominante.

Destacamos que as pessoas da comunidade destacam que o respeito é um dos elementos que fortalece a relação entre pessoas e encantados. A inspiração também é um conceito importante dessa relação que tece estratégias de reesistir. Por exemplo, costuma-se dizer que a pessoa nasce com um dom, mas também tem a *inspiração*.

A *inspiração* está relacionada com a intuição e é algo que move e motiva a pessoa para agir. Segundo Anacleta Pires, liderança quilombola, "por exemplo, você está na BR fazendo uma manifestação, reivindicando seus direitos e algo lhe diz para pegar o tambor e começar a tocar. Aí você vai lá, dá força para os companheiros que já estavam meio que desanimado". Mas, sempre, segundo dona Severina, com os joelhos no chão e com a ajuda de Deus, dos santos e dos encantados.

As percepções dos quilombolas sobre as religiosidades da comunidade não estão desvinculadas dos conflitos ambientais, pois, na medida em que os projetos desenvolvimentistas chegam com uma suposta ideia de melhoria do Estado do Maranhão, as comunidades e povos tradicionais, na mesma proporção, são obrigados a migrarem para outros lugares seja por causa da necessidade de subsistência, em busca de saúde e educação ou por conta de uma ordem judicial para a instalação de algum empreendimento.

Nesse processo de expulsão e de desterritorialização, se nega as subjetividades desses grupos, se desconsidera o direito de cidadania dessas pessoas, ao lhes negar o título da terra (ALMEIDA, 2004). A saber, o lugar descrito aqui por nós só existe por conta da dinamicidade do grupo, dos *sonhos e dons* entendidos como cosmologias não ocidentais (ANJOS, 2008) que demarcam o lugar social do grupo.

Os problemas territoriais dos quilombolas não vão se expressar em nenhum papel do Estado ou da academia, não da forma como a comunidade se inscreve junto com os encantados no chão daquela terra, porque é como se aquele chão fosse o testamento quilombola. Então se é para ler do ponto de vista dos subalternos falando, você não vai ler no papel, porque o papel não fala o que os quilombolas falam, porque o problema dos subalternizados se inscreve nos corpos. Os documentos oficiais em grande maioria ainda invisibilizam a existência do povo negro.

Em uma conversa com dona Anacleta realizada no dia 04 de junho de 2018 na cozinha de sua casa, sobre como se deu a escolha do lugar onde hoje é sua residência, ela nos falou que: "eles estavam aqui, antes mesmos deu vim morar aqui, eles são os verdadeiros donos dessas terras". A casa de dona Anacleta é passagem de encantados, diariamente eles a visitam.

Seu Libânio também coloca que, "o verdadeiro corpo do território está relacionado com os lugares sagrados, de força e de sustentabilidade da comunidade, porque somos parte da natureza e aí temos a fortaleza do espírito que devemos preservar com luz, ponto e reza" (anotações do caderno de campo 22 de setembro de 2018). Sobre isso é que mãe Severina nos colocou que "enquanto uns estão lutando outros estão rezando para que nós vença e tenha o título dessas terras" (falas tiradas das anotações do caderno de campo de fevereiro de 2018).

Nesse sentido,

> o verdadeiro corpo da Santa Rosa dos Pretos contém artérias e véias. Ele é um corpo com lagoas, córregos, igarapés, matas e assim tem várias partes. O coração desse corpo são as áreas que são entendidas como sagradas como o Baixo do Engenho, a Matinha e cada uma dessas partes tem sua importância (entrevista realizada com dona Anacleta, no dia 04 de junho de 2018).

É pensando os territórios como não lugares/zonas intermediarias para o reconhecimento no qual o auto reconhecimento e o reconhecimento são precários ou mesmo evasivos, lugar do não sujeito reconhecido e do quase sujeito reconhecível, que concordamos com Butler quando ela destaca que,

> Se alguém não quer reconhecer certas relações humanas como parte do humanamente reconhecível, logo, esse alguém já as re-

> conheceu e busca negar aquilo que, de uma maneira ou de outra, já foi compreendido. "Reconhecimento" se torna um esforço de negar o que existe e, assim, se torna um instrumento da recusa do reconhecimento (Butler, 2003: 236).

O papel onde se inscrevem os problemas dos quilombolas, dos povos e comunidades tradicionais é o próprio chão é no dia-a-dia e na relação com os encantados. E não tem como fazer uma tradução adequada daquilo que os quilombolas estão escrevendo no chão de demandas pelo direito de continuarem existindo com as nossas possibilidades expressivas oficiais e acadêmicas na folha do papel. Então temos ciência que qualquer esforço de tradução é limitado, porque para se entender o problema dos quilombolas só indo fazer essa leitura no território com eles, ou seja, ouvindo-os e pensando os territórios como lugares de falas que se insurgem contra o *status quo*. Nenhum papel, nem da Fundação Cultural Palmares nem do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) são capazes de mostrar a problemática das comunidades em sua complexidade em quanto os encantados forem tomados também como sujeitos de direitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> Nos interrogamos qual o lugar da brasilidade na nação em meio a esse cenário de violência – queremos explorar uma perspectiva de questionar a Nação que emerge das margens – particularmente experimentamos a matriz de pensamento das religiosidades afro-brasileiras (ANJOS - aula conferida em 2016 ao programa de pós-graduação em Ciências Sociais da UFMA)

Dos anjos (2016) parti da figura do Preto velho para mostrar como o Estado- Nação vem se reconfigurando por meio da violência legítima e produzindo novos espaços de exceção e zonas de sacrifícios (GUDYNAS, 2015), que deslocam para o fim da fila as pessoas que são colocados como subalternos no processo contínuo de modernidade/ colonialidade. Assim, ele nos provoca a entender

esse quadro de violência que se expande no Brasil, por meio de um olhar crítico sobre as dimensões de natureza, sagrado e pessoa de modo a entendermos como a escravidão permanece na modernidade.

Nessa perspectiva, outras ontologias...

Acionamos seu Libânio como um Preto Velho[15] que na experimentação do passado desloca a contemporaneidade fazendo entender dimensões de tempo nos espaços do território revelando assim, acontecimentos da escravidão no presente. Nessa experimentação do passado deslocado se observa as formas de violência da co-extensividade da modernidade/colonialidade sobre pessoas e encantados, no qual a colonialidade rebaixa acontecimentos ontológicos múltiplos.

Em setembro de 2017 ele nos relatou que,

> "O Itapecuru hoje está se tornando comercial, mas ele era cultural, era não, ele é cultural. Porque o Itapecuru é negro. Antes chamavam o Itapecuru de cidade de macaco e teve alguém que veio, tá com uns dias me fazer uma procura aqui sobre a casa da cultura, hoje lá onde era a delegacia, rapaz! Aquilo ali pra mim eu detesto muito aquilo, que hoje é a casa da cultura, como que ali pode ser casa da cultura, ali era uma prisão, ali teve tanta perversidade com os nossos irmãos (quilombolas) que dormiam e que foram mortos lá e esfregados no sal, ali é a "casa do sofrimento". No Itapecuru, os negros de lá tinha negro que não tinha cabelo como o coronel Feliciano, Carlos Bezerra, Raimundo telegrafista, e outros mais negros que eram alfaiates, que eram os negros do Itapecuru e hoje não, o Itapecuru é comercial".

Seu Libânio continua,

> "os quilombos já existiam lá, agora só que era senzala. Mas, hoje eles não querem aparecer com essa nossa história. Por cade de

[15] "Quando um preto velho chega no terreiro pareci está vindo de longe e carrega as marcas da proximidade com o Estado de cativeiro – o passado pode não ser um tempo que se rememora na medida em que deixou efetivamente de ser, mas que possa ser um tempo presente e expressivo aos sofrimentos atuais, que o sofrimento das minoria possam ser lidos como atualização do passado – a escravidão na perspectiva temporal do passado no presente e abri pistas para a centralidade da diferença da escravidão para a modernidade" (ANJOS - aula conferida em 2016 ao programa de pós-graduação em Ciências Sociais da UFMA).

> quê? Porque os quilombolas não têm direito de nada pra eles, só tem direito de taca. Agora eu não sei por que o sistema, as leis permitem que as terras, as terras dos quilombolas sejam vendidas, onde é minha terra mesmo? Existe um tropeço de vida que está nas mãos dos fazendeiros, aqui não tinha fazendeiro dentro da Santa Rosa, aqui não tinha um grau de arrame, no Itapecuru não se via uma perna de arrame. As terras era uma coisa comunitária e hoje depois de um certo tempo, mudou para arrendatária. São essas coisas que estão no nosso estado todo, cansei de ir para São Luís e você não apanhava um sol, mas hoje você vai daqui para São Luís e você não ver uma palmeira na beira dessa estrada..."

Quando seu Libânio chama a "casa da cultura" do município de Itapecuru-Mirim de "casa do sofrimento", ele nos permite questionar uma estrutura de violência e de racismo que é tão sutil que invisibiliza a dor dos negros no processo de construção da sociedade brasileira. Ele faz com que nos interroguemos sobre quem e como são escolhidos os lugares e os dias para se homenagear o povo negro. Tanto as ruínas de Alcântara, como os velhos casarões de São Luís eram moradas de senhores de escravos, eram também locais de maus tratos. O que esses lugares e essas datas significam de fato para os negros/quilombolas e o que significa para o homem branco? Quem escolhe esses lugares? Como o grupo homenageado olha para esses lugares, o que sentem? Em algum momento esses grupos são consultados que quais lugares de fato os representam? Acreditamos que lugares como os casarões, as ruínas e a casa de cultura são escolhidos por homens brancos e continuam, talvez sem se dar conta, reafirmando o lugar dos negros como escravos, presos a um passado que se faz presente nesses lugares.

A rememoração desses lugares traz de volta toda uma história de muita dor e sofrimento. É fundamental se falar do lugar de protagonismo do povo negro para a constituição do Brasil. O trauma do tráfico e da escravidão não pode ser usado para continuar rebaixando os grupos negros dentro de um país orquestrado por ideológicas da branquitude. Até que ponto a rememoração desses lugares, não é uma exaltação ao processo colonizador que continua erguendo estatuas de homens brancos e preservando os lugares desses mesmos homens para homenagear o povo negro, com a finalidade de fazer com que a única possibilidade pos-

sível de existir enquanto quilombola/negro seja na rememoração desses lugares de opressão? Nos questionemos!

Seu Libânio, também denuncia a forma violenta como as terras de preto foram e estão sendo tomadas no Maranhão, bem como grande número de desmatamento para a passagem e instalação de projetos de desenvolvimento econômico desde a década de 1950. O Estado vem firmando acordos com empresas privadas nacionais e multinacionais – vem saqueando, mutilando, assassinando, expulsando e explorando tanto pessoas como os recursos naturais. A disputa por terra no Maranhão sempre foi marcada por fortes relações de interesses e de poder e sob o julgamento da ideia do "bem-estar social do povo".

Assim, procurar uma religação dos territórios roubados pelos latifundiários segundo Gil, do quilombo Nazaré no município de Serrano do Maranhão,

> é pensar a importância/proteção do território com a espiritualidade e não pensar a proteção somente por meio do Estado. A gente vem perdendo essa luta por conta que a gente tá esquecendo que é nas matas, nos nossos caboclos que está a nossa proteção, pois tudo tem seu dono, tudo tem proteção (anotações do caderno de campo feito durante o Encontrão da Teia em 2018 na comunidade Sertaneja de Gostoso no interior do Maranhão).

Assim, pensar na proteção dos territórios tradicionalmente ocupados segundo os quilombolas de Santa Rosa dos Pretos e aqueles que se encontram duas vezes ao ano no "Encontrão da Teia dos Povos e comunidades Tradicionais do Maranhão"[16], é romper com o Estado de uma vez por todas, porque a proteção dos povos/comunidades está na ligação com os encantados (na espiritualidade) no meu território que é sagrado,

> Muitas comunidades estão perdendo isso, porque estão muito atadas como o Estado e quem sabe de nós somos nós, assim, a gente rompe e recupera a nossa educação, porque nós é quem

[16] "O ano de 2018 marca o sétimo ano de existência da Teia do Maranhão, que tem como base a luta pela manutenção dos princípios do Bem Viver, soberania alimentar e a preservação das mais diversas práticas culturais, que se manifestam de maneira ancestral" informações tiradas do: https://cimi.org.br/2018/06/teia-de-povos-e-comunidades-tradicionais-do-ma-denuncia-empresas-durante-8a-edicao-do-encontrao/

> sabemos o que a gente quer e vamos para o embate pela defesa do nosso território[17]

É pensando os territórios como lugares dos quais os quilombolas nunca saíram, "lugares de religação", que a cerca do latifúndio não conseguiu tomar, que a encantaria, a escuta dos encantados, possibilita ampliar o debate sobre os problemas ambientais para além dos termos institucionalizados pela sociedade dominante sobre o binarismo: "homem e natureza".

A relação pessoas e encantados aparece como relação de co-proteção, "porque quando se corta uma árvore é mesmo como se estivesse cortando um de nós" (LIBÂNIO PIRES, 2017), relação essa que nos permite entender que se a pessoa deixar de proteger o território ela não consegue ter proteção para o seu próprio corpo.

O corpo quilombola e o corpo da terra estão vinculados pelos encantados. É nas matas, árvores, folhas, águas, igarapés, rio, poços que eles estão e é nos tambores, nos cantos, doutrinas, nas festas, nas trocas, no cuidado/proteção das filhas/filhos, mães/pai de santo para com seus guias que eles se manifestam no cotidiano das relações sociais. Pois segundo seu Libânio, "o homem é natural, ele só existe na de dá natureza".

Apresentamos aqui uma das várias formas da encantaria, que não pode ser apreendida em seu todo, pois seus mistérios fazem parte do que os encantados são em contexto de Tambor de Mina. E é aí que ela (a encantaria) se fortalece e se reinventa para continuar reexistindo dentro de lugares sagrados, como é o caso do território quilombola de Santa Rosa dos Pretos, que hoje, mais do que nunca está sendo fatiados em nome de um ideal europeu de desenvolvimento econômico, que traz para os territórios tradicionais projetos de morte (MBEMBE, 2011).

Esperamos que essas reflexões contribua para a luta contra o racismo e para o reconhecimento de conhecimentos povoados por outras ontologias, que emanam das relações entre quilombolas e os encantados e que dão sentido à vida e a manutenção dela no quilombo, nos territórios étnicos. A saber, o Tambor de Mina/a encantaria não pode ser quantificado ou entendidos somente pelos meios "racionais" que a academia exige.

17 Fala de Gil quilombola - Anotações do caderno de campo no dia 09 de junho de 2018 durante o VIII Encontrão da Teia dos Povos e Comunidades Tradicionais do Maranhão realizado na comunidade sertaneja de Gostoso em Aldeias Altas Caxias/Maranhão).

As escutas me ensinaram que as pessoas reexistem por meio de visões de mundo com forte orientação da religiosidade/política afro-brasileira, mas também de suas experiências cotidianas com a família, escola, trabalho, sexualidade e outras experiências que são embaladas por diferentes formas de sentir o território. *Sentir, ser ou pertencer* a um lugar ou grupo são marcas dinâmicas do diverso que é cada quilombo. Assim, O tambor de mina existe por causa da união e do compartilhamento de múltiplas experiências entre pessoas e pessoas – pessoas e encantados - encantados e encantados.

Nesse contexto, a encantaria é também um espaço de reivindicação de uma identidade e de direitos fundamentais, bem como lugares de encontros, troca e aprendizagem. É um lugar onde é possível reexistir enquanto pessoa e coletiva, porque as cercas do latifúndio não conseguiram chegar.

Pois,

> A produção de uma invisibilidade para o sistema de direito torna possível a restauração do sistema colonial como um passado que insiste em se reencarnar nos corpos quilombolas, nas comunidades não brancas. Os projetos de desenvolvimento se apresentam para as minorias como uma sociedade do terror articulada a poderosos interesses de multinacionais com os poderes policiais do Estado passíveis de varrer as minorias dos mapas do desenvolvimento. O Estado é apenas uma peça de onde se deflagra a violência física (ANJOS - aula conferida em 2016 ao programa de pós-graduação em Ciências Sociais da UFMA).

RECEBIDO em 31/03/2021
APROVADO em 15/06/2021

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri (Org.). **Conflitos ambientais no Brasil**. Rio de Janeiro: RelumeDumará: Fundação Heinrich Böll, 2004.

ALMEIDA, Alfredo Wagner. [Org.]. **Terras de preto no Maranhão:** quebrando o mito do isolamento. São Luís: Projeto Vida de Negro/CCN-MA, 2002.

ANJOS, José Carlos Gomes. A filosofia política da religiosidade afro-brasileira como patrimônio cultural africano. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 9, n. 13, p. 77- 96, jan. /jun. 2008. Disponível em: Acesso em: 02/12/2015.

ANJOS, José Carlos Gomes. **No território da linha cruzada**: a cosmopolítica afro-brasileira. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Fundação Cultural Palmares, 2006.

ANJOS, José Carlos Gomes. O corpo nos rituais de iniciação do Batuque. In: **Corpo e significado, ensaios de antropologia social**. Porto Alegre: EDUFRGS, 2001
FERREIRA, Euclides Menezes. **Tambor de Mina em Conserva**. São Luís: Casa Fanti-Ashanti, 1997.

FERRETTI, Mundicarmo. (1994). **Terra de Caboclo**. São Luís: SEC-MA.

FERRETTI, Mundicarmo. As religiões afro-brasileiras no Maranhão. São Luís: **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore, nº22**, 2002.

FERRETTI, Mundicarmo. Lugares sagrados e encantarias maranhenses. **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore**, nº 40, junho 2008, p. 3-4.

FERRETTI, Mundicarmo. **Maranhão Encantado**: encantaria maranhense e outras histórias. São Luís: UEMA Editora, 2000.

FERRETTI, Mundicarmo. O cabloco do Tambor de Mina e no processo de mudança de um terreiro de São Luís: a Casa Fanti-ashanti. São Paulo:USP,1991. Tese de Doutorado.

FERRETTI, Mundicarmo. **Repensando o turco no Tambor de Mina**. Afro-Ásia, Salvador, CEAO/UFBA, n.15, abr. p. 56-70, 1992. Apresentado originalmente no CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE ESCRAVIDÃO, São Paulo, USP-FFLCH, jun. 1988.

FERRETTI, Mundicarmo. **Terra de Caboclo**. São Luís: SEC-MA, 1994.

FERRETTI, Sérgio. (2009). **Querebentã de Zomadônu**. São Luís: EDUFMA, (3ºed).

FERRETTI, Sérgio. **Repensando o sincretismo**. São Paulo: EDUSP; São Luís: EDUFMA, 1995.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: LOYOLA, 1996.

GOLDMAN, MARCIO. Os **Tambores dos mortos e os tambores dos vivos**. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. Revista de Antropologia. São Paulo, USP, 2003. V. 46 nº 2. (p. 445-476).

LUCCHESI, Fernanda. **Relatório Antropológico de identificação de Santa Rosa, Itapecuru-Mirim, MA.** São Luís, 2008.
MBEMBE, Achille. **Necropolítica seguido de El gobierno privado indirecto**. Madrid: Melusina, 2011.

MIGNOLO, W. **Historias locais/projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

SANTOS, Dayanne da Silva. **Se o Território não está livre nós também não estamos: processo de titulação e formas de resistências em Santa Rosa dos Pretos – MA.** São Luís/MA, UFMA, 2017. Monografia de Graduação do Curso de Ciências Sociais.

SILVA, Anacleta Pires da. **Resistência e trajetória de luta pela regularização fundiária do Território Quilombola Santa Rosa dos Pretos.** São Luís/MA, UFMA, 2017.Monografia de Graduação do curso de licenciatura em pedagogia da terra pelo organizado pelo PRONERA.

SILVA, Joércio Pires da. **TAMBOR NÃO É SÓ TRADIÇÃO, É TAMBÉM FORÇA E RESISTÊNCIA:** O Tambor de Crioula no Território Quilombola Santa Rosa dos Pretos**.** São

Luís/MA, UFMA, 2017. Monografia de Graduação do curso de licenciatura em pedagogia da terra pelo organizado pelo PRONERA.

SILVA, Josicléa Pires da. **A RIQUEZA E A POBREZA AO LONGO DO CORREDOR CARAJÁS:** os impactos dos projetos de mineração nos territórios quilombola Santa Rosa dos Pretos e *Monge-Belo***.** São Luís/MA, UFMA, 2017.Monografia de Graduação do curso de licenciatura em pedagogia da terra pelo organizado pelo PRONERA.

SOUZA FILHO, Benedito. **Os Pretos de Bom Sucesso**: terra de preto, terra de Santo, terra comum. São Luís: EDUFMA, 2008.

ZHOURI, Andréa; LASCHEFSKI, Klemens; PEREIRA, Doralice Barros. **A insustentável leveza da política ambiental** – desenvolvimento e conflitos socioambientais. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.